



Euclides, primo de Collor: "apoio moral" de construtora.

5 EUCLYDES APRESSA OBRA

Primo de Collor é acusado de tráfico de influência

A liberação do financiamento para o Conjunto Habitacional Ana Jacintho, em Presidente Prudente (SP), pelo qual o deputado federal Euclides de Mello (PRN-SP), primo do presidente Fernando Collor, é acusado por um ex-assessor de receber uma propina de US\$ 1 milhão, foi aprovada pela Caixa Econômica Federal em menos de 15 dias, enquanto o habitual é a aprovação emperrar meses na burocracia governamental. A informação é do presidente da Companhia Regional de Habitações de Interesse Social, Antônio Barreto dos Santos.

A cooperativa, com sede em Araçatuba (SP) e uma das maiores do País, foi a responsável pelo repasse dos US\$ 9,8 milhões do FGTS aprovados pela então ministra da Ação Social, Margarida

Procópio, para a Construtora Campoy, de Osvaldo Cruz (SP). "É claro que a aprovação em tempo recorde se deveu ao parentesco do deputado com o presidente da República e a sua amizade com a então ministra", afirmou Barreto dos Santos.

"A empresa é de gente decente, que não tem ligação nenhuma com o deputado Euclides de Mello ou com o governo", disse Barreto. O vice-presidente da empreiteira, Marcos Campoy, admite que Euclides é conhecido da empresa desde antes de se eleger deputado e que recebeu, inclusive, "apoio moral" da Campoy quando chegou de Alagoas e era desconhecido em São Paulo. Segundo o advogado alagoano Ednaldo Soares da Silva, então assessor do deputado, um emissário da Campoy

o procurou em fevereiro de 1990 e ofereceu US\$ 1 milhão para a campanha de Euclides em troca de ajuda para construir casas populares em Presidente Prudente.

Segundo Ednaldo, o emissário, um corretor de imóveis de Marília, explicou que o prefeito de Presidente Prudente, Paulo Constantino (sem partido), pretendia construir um conjunto com 2.500 casas para homenagear sua mãe, mas estava preocupado por não ter cumprido a promessa de apoiar Collor nas eleições presidenciais. O empreiteiro Alonso Campoy e Euclides, de acordo com o ex-assessor, teriam se encontrado várias vezes para acertar o negócio. Tanto Euclides como a Campoy negam a denúncia.

Galeo Amorim e Manoel Martins dos Santos/AE